

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
FACULDADE DE NUTRIÇÃO EMÍLIA DE JESUS FERREIRO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM NUTRIÇÃO

JESSYCA SOUSA DE BRITO

HÁ RELAÇÃO ENTRE A INGESTÃO ALIMENTAR DE TRIPTOFANO E NÍVEIS  
PLASMÁTICOS DE INDOXIL SULFATO EM PACIENTES RENAIIS CRÔNICOS EM  
HEMODIÁLISE?

NITERÓI

2016

JESSYCA SOUSA DE BRITO

**HÁ RELAÇÃO ENTRE A INGESTÃO ALIMENTAR DE TRIPTOFANO E  
NÍVEIS PLASMÁTICOS DE INDOXIL SULFATO EM PACIENTES RENAIIS  
CRÔNICOS EM HEMODIÁLISE?**

Artigo submetido ao Jornal de Brasileiro de Nefrologia apresentado junto ao Curso de Nutrição da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Nutrição.

Orientadora: Prof. Dra, Denise Mafra

Co-orientadora: MSc. Natália Alvarenga Borges

Niterói, RJ

2016

JESSYCA SOUSA DE BRITO

**HÁ RELAÇÃO ENTRE INGESTÃO ALIMENTAR DE TRIPTOFANO E  
NÍVEIS PLASMÁTICOS DE INDOXIL SULFATO EM PACIENTES RENAIIS  
CRÔNICOS EM HEMODIÁLISE?**

Artigo submetido ao Jornal Brasileiro de Nefrologia apresentado à Faculdade de Nutrição Emília de Jesus Ferreiro da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Nutrição.

Aprovado em 29 de março de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

---

MSc. Natália Alvarenga Borges – UFF

Co-orientadora

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Gabrielle de Souza Rocha – UFF

---

MSc. Amanda de Faria Barros – UFF

Niterói

2016

## SUMÁRIO

1. FOLHA DE ROSTO, p.1
2. RESUMO, p.2
3. ABSTRACT, p.4
4. INTRODUÇÃO, p.5
5. MATERIAIS E MÉTODOS, p.7
6. RESULTADO, p.11
7. DISCUSSÃO, p.13
8. AGRADECIMENTO, p.16
10. REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS, p.17
11. TABELAS, p.21

**Há relação entre ingestão alimentar de triptofano e níveis plasmáticos de indoxil sulfato em pacientes renais crônicos em hemodiálise?**

**Is there relationship between tryptophan dietary intake and plasma levels of indoxyl sulfate in chronic kidney disease patients on hemodialysis?**

Jessyca Sousa de Brito<sup>1</sup>, José Carlos Carraro-Eduardo<sup>2</sup>, Natália Alvarenga Borges<sup>3</sup>, Lia Sumie Nakao<sup>4</sup>, Carla Juliana Ribeiro Dolenga<sup>4</sup>, Denise Mafra<sup>1,2,5</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal Fluminense (UFF), Faculdade de Nutrição, Niterói-RJ, Brasil.

<sup>2</sup>Universidade Federal Fluminense (UFF), Faculdade de Medicina, Niterói-RJ, Brasil.

<sup>3</sup>Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas (UFF), Niterói-RJ, Brasil.

<sup>4</sup>Universidade Federal do Paraná (UFPR), Departamento de Patologia Básica, Curitiba-PR, Brasil.

<sup>5</sup>Programa de Pós-Graduação em Ciências Cardiovasculares (UFF), Niterói-RJ, Brasil.

**Autor para Correspondência:** Jessyca Sousa de Brito

Rua: Rua República Dominicana, quadra 49, lote 11, nº 527. Bairro: Itaipu – Niterói-RJ (Brasil).

CEP: 24342-780

Tefefone: (21) 9 7024-4214

E-mail: jessyca\_\_sousa@hotmail.com

**Agências de fomento:** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

**Título abreviado:** Ingestão de triptofano e níveis de IS na DRC

## RESUMO

**INTRODUÇÃO:** A microbiota intestinal está envolvida na geração de toxinas urêmicas presentes nos pacientes com doença renal crônica em hemodiálise (HD) como indoxil sulfato (IS), formado a partir da fermentação do aminoácido triptofano. **OBJETIVO:** O objetivo desse trabalho foi avaliar a ingestão de triptofano alimentar pelos pacientes renais crônicos em HD e sua possível relação com os níveis plasmáticos de IS. **MÉTODOS:** Participaram do estudo 46 pacientes com DRC em programa regular de HD (56,5% homens; 52,7±10,3 anos; 63 (32,2–118,2) meses em HD; IMC 25,6±4,9kg/m<sup>2</sup>). A ingestão de triptofano foi avaliada através do recordatório alimentar de 24 horas (R-24h) de 3 dias. Exames bioquímicos de rotina, bem como a avaliação antropométrica foram avaliados. Os níveis plasmáticos de IS foram determinados por cromatografia líquida de alto desempenho (HPLC) com detecção fluorescente e as concentrações plasmáticas de interleucina-6 (IL-6) pelo método imunoenzimático (ELISA, *Enzyme Linked Immunosorbent Assay*). **RESULTADOS:** A ingestão média de triptofano estava dentro do recomendado, já os níveis plasmáticos de IS (35,0±11,9 mg/L) estavam elevados. Não houve correlação entre a ingestão de triptofano e os níveis plasmáticos de IS. Contudo, houve correlação positiva entre ingestão de proteína e triptofano e variáveis que avaliam massa magra, e além disso, os níveis IS foram positivamente associados com os de IL-6 ( $r=0,6$ ;  $p=0,01$ ). **CONCLUSÃO:** O presente estudo sugere que a ingestão alimentar de triptofano pode não ser um fator determinante dos níveis de IS. No entanto, sugere que o intestino pode ter importante papel na inflamação sistêmica presente nos pacientes com DRC.

Palavras-chave: Triptofano, Falência Renal Crônica, Diálise Renal.

## ABSTRACT

**INTRODUCTION:** Gut microbiota is involved in generation of uremic toxins in chronic kidney disease (CKD) patients on hemodialysis (HD), like indoxyl sulfate (IS) that is originated from tryptophan amino acid fermentation.

**OBJECTIVE:** The aim of this study was evaluate the tryptophan intake by chronic renal failure patients on HD and its possible relationship with IS plasma levels.

**METHODS:** Participated of the study 46 patients with CKD on HD regular program (56,5% men;  $52,7 \pm 10,3$  years; 63 ( $32,2 - 118,2$ ) months on HD; BMI  $25,6 \pm 4,9$  kg/m<sup>2</sup>). The tryptophan intake was evaluated by a 3-day 24-hours dietary recall (R-24h). Routine biochemical tests and anthropometric measurements were evaluated. IS plasma levels were determined by High Performance Liquid Chromatography with fluorescent detection and the interleukin-6 (IL-6) plasma levels by immunoenzymatic method (ELISA, *Enzyme Linked Immunosorbent Assay*).

**RESULTS:** The average of tryptophan intake was according to recommendation, but IS plasma levels ( $35,0 \pm 11,9$  mg/L) were elevated. There was no correlation between the tryptophan intake and IS plasma levels. However, there was positive correlation between protein intake and tryptophan and variables used to evaluate lean body mass, and moreover, IS levels were positively associated with IL-6 ( $r = 0,6$   $p = 0,01$ ).

**CONCLUSION:** The present study suggests that tryptophan dietary intake may not be a determinant factor to IS levels. However, it suggests that gut microbiota may play an important role in systemic inflammation in patients with CKD.

Keywords: Tryptophan, Kidney Failure, Chronic, Renal Dialysis.

## INTRODUÇÃO

Pacientes em hemodiálise (HD) apresentam vários fatores de risco para doença cardiovascular (DCV) e, de fato, a mortalidade cardiovascular é elevada nessa população<sup>1,2</sup>. Adicionalmente aos fatores de risco tradicionais (obesidade, hipertensão, diabetes e dislipidemia) e às situações típicas da doença renal (hipervolemia, anemia e alterações no metabolismo cálcio-fósforo), esses pacientes também apresentam alta prevalência dos chamados fatores emergentes: hiperhomocisteinemia, elevados níveis de lipoproteína (a), estresse oxidativo e inflamação<sup>1,3</sup>.

A partir da década de 90, pesquisas começaram a revelar o surgimento de um novo fator de risco que poderia estar relacionado à inflamação e aterosclerose: o desequilíbrio da microbiota intestinal<sup>4-8</sup>.

As bactérias intestinais possuem diversos papéis metabólicos e são capazes de promover a conversão de componentes dietéticos, levando à formação de grande variedade de substâncias que podem ter efeitos benéficos ou maléficos à saúde humana<sup>9</sup>. Assim, o desequilíbrio da composição da microbiota intestinal (disbiose) pode promover maior geração de toxinas urêmicas. De fato, alterações na composição da microbiota intestinal tem sido encontradas em pacientes com DRC, caracterizadas, por exemplo, pela expansão de espécies bacterianas que levam à produção aumentada de gases tóxicos, toxinas urêmicas, aminas, amônia e maior concentração de substâncias denominadas padrões moleculares associados à patógenos, como os lipopolissacarídeos (LPS). Além disso, o desequilíbrio da microbiota intestinal também compromete a função da barreira intestinal, tornando-a mais permeável a elementos tóxicos<sup>10,11</sup>.

Pacientes com DRC são frequentemente aconselhados a seguir dietas com baixo teor de fibras vegetais fermentáveis, devido ao fato desses alimentos serem também fontes de potássio. Esta mudança na oferta de substratos considerados prebióticos poderia contribuir para a disbiose na DRC<sup>12</sup>.

Além disso, o aumento da permeabilidade da barreira intestinal pode permitir maior influxo de ureia proveniente da circulação sanguínea para o lúmen intestinal, favorecendo o crescimento de determinadas bactérias em detrimento de outras<sup>13</sup>.

Somando-se a isso, pacientes com DRC estão constantemente expostos a diversos fatores como desnutrição, edemas, estresse emocional (patológico,



psicológico ou farmacológico), constipação intestinal e uremia, comprometendo ainda mais a integridade dessa barreira. Esse conjunto de fatores torna tais pacientes extremamente susceptíveis a maior absorção de substâncias pró-oxidantes e pró-inflamatórias, instalando um quadro importante de estresse oxidativo e inflamação sistêmica<sup>14</sup>.

Várias toxinas urêmicas podem ser produzidas pela microbiota intestinal, a partir da fermentação de alguns nutrientes que alcançam o intestino. Por exemplo, a síntese de indoxil sulfato (IS) é iniciada por enterobactérias a partir da conversão do aminoácido triptofano a indol, o qual é absorvido no trato gastrointestinal, e no fígado, através de hidroxilação e sulfatação, forma IS. Pacientes com DRC possuem níveis séricos de IS elevados e a progressão da doença parece estar diretamente relacionada com este aumento<sup>15</sup>. Na fase dialítica os níveis dessas toxinas são maiores, uma vez que o procedimento dialítico não é eficiente para removê-las<sup>16</sup>.

O IS parece promover a progressão da DRC devido aos seus efeitos pró-fibróticos em glomérulos renais<sup>17,18</sup>, induzir a disfunção endotelial e proliferação de células do músculo liso vascular<sup>19</sup>, promover agravamento do processo aterosclerótico<sup>20</sup> e, parece também estar associado à doença óssea na DRC<sup>19,21</sup>.

Assim, considerando que o triptofano é um componente alimentar comumente presente na dieta e que a quantidade ingerida deste aminoácido pode estar relacionada à determinação dos níveis plasmáticos de IS a partir de sua metabolização pelas bactérias intestinais, e ainda, considerando que esta toxina urêmica está relacionada ao risco de DCV em pacientes renais crônicos, nos quais a principal causa de mortalidade é a doença cardiovascular, o presente estudo teve como principal objetivo avaliar a ingestão de triptofano em pacientes com DRC em HD e sua relação com os níveis plasmáticos de IS.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

### **Casuística**

Foi realizado um estudo transversal envolvendo 46 pacientes com DRC em programa regular de HD de ambos os sexos atendidos na Clínica Renal Vida (Rio de Janeiro, Brasil). Todos os participantes foram previamente informados sobre a

utilização do material biológico para realização do trabalho, participaram como voluntários e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido. Para participar do estudo os pacientes deveriam apresentar idade entre 18 e 74 anos e possuir fístula arteriovenosa (FAV) como acesso vascular. A média de duração das sessões de HD foi de aproximadamente 3 a 4,5 horas três vezes por semana, com fluxo de sangue superior a 250 mL/min, fluxo de dialisado 500 mL/min e tampão de bicarbonato. Não foram incluídos pacientes com doenças auto-imunes, infecciosas, neoplásicas e AIDS; gestantes, pacientes em uso de drogas catabolizantes, suplementos pré, pró ou simbióticos e antibióticos nos últimos 3 meses antes do início deste estudo. Dados demográficos, clínicos e bioquímicos de rotina foram obtidos por análise do prontuário, por entrevista ou coleta de material biológico (sangue).

### **Procedimentos Éticos**

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina/Hospital Universitário Antônio Pedro recebendo o número 083/11.

### **Análise da ingestão alimentar**

A ingestão energética diária de macronutrientes e triptofano foi estimada a partir do recordatório alimentar de 24 horas referente a 3 dias, sendo um dia de diálise, um dia sem diálise e outro de final de semana. A média da ingestão foi calculada através de software de avaliação dietética NutWin®-UNIFESP. A composição de nutrientes dos alimentos não inclusos neste software foi obtida a partir da Tabela Brasileira de Composição de Alimentos<sup>22</sup>.

### **Avaliação do estado nutricional**

O estado nutricional foi avaliado por meio dos seguintes parâmetros antropométricos: peso corporal, estatura, circunferência do braço, circunferência da cintura e dobras cutâneas. Todas as aferições foram realizadas após a sessão de HD e foi utilizado o adipômetro do tipo Lange Skinfold Caliper (Cambridge Scientific Industries Inc.).

O índice de massa corporal (IMC) foi obtido pela razão entre o peso e o quadrado da estatura, e sua classificação seguiu o proposto pela Organização Mundial de Saúde<sup>23,24</sup>.

Para melhor avaliar a reserva de tecido muscular, devido a correção da área óssea, foi calculada a área muscular do braço corrigida (AMBc) e para avaliação da reserva adiposa, foi calculado o percentual de gordura corporal (%GC). Nesta técnica, a composição corporal é estimada utilizando-se a somatória de quatro pregas cutâneas: bicipital, tricipital, subescapular e supra-íliaca. Após a aferição das dobras, seu somatório seguiu o proposto na equação de Durnin e Womersely para o cálculo da Densidade Corporal (DC)<sup>25</sup>. A partir dos valores de DC, a porcentagem de gordura corporal total foi determinada utilizando a fórmula de Siri<sup>26</sup>. Os valores de referência para classificação do %GC foram os pontos de corte propostos por Lohman<sup>27</sup>.

Para analisar o perfil de distribuição de gordura corporal foi aferida a circunferência da cintura (CC) e a classificação foi realizada segundo os pontos de corte sugeridos pela OMS<sup>28</sup>.

### **Coleta de sangue**

Amostras de sangue foram obtidas no período da manhã, estando os pacientes em jejum de 12 horas. O sangue foi coletado em tubos Vacutainer® contendo EDTA como anticoagulante (1mg/mL). Em seguida, o sangue foi centrifugado a 2500 rpm por 10 minutos, a 4°C, para a obtenção do plasma. O plasma foi acondicionado em microtubos eppendorfs de polipropileno de 1,5mL, e conservado a -80°C para posteriores análises.

### **Determinação dos níveis plasmáticos de IL-6 e indoxil sulfato**

Os níveis plasmáticos da citocina inflamatória IL-6 foram determinados através de teste imunoenzimático *Enzyme Linked Immunosorbent Assay* (ELISA) utilizando-se o kit Boster Immunoleader (Boster Biological Technology Co. Ltda.).

A avaliação dos níveis plasmáticos da toxina IS foi realizada por Cromatografia Líquida de Alto Desempenho (*High-performance liquid chromatography* HPLC), utilizando um dispositivo Waters Alliance 2695 (Waters, Zellik, Bélgica) conectado a um detector de fluorescência Waters 2475. A separação foi realizada à temperatura ambiente em uma coluna de fase reversa

Ultrasphere ODS (150 x 4,6 mm, tamanho de partícula 5- $\mu$ m; Beckman Instruments, Fullerton, CA) e com uma coluna de guarda Ultrasphere ODS (45 x 4,6 mm, 5- $\mu$ m de partícula; Beckman Instruments). A separação cromatográfica consistiu de um gradiente linear de metanol e tampão de formiato de amônio (50 mM, pH 3,0) de 35 a 70% de metanol em 15 min a uma taxa de fluxo de 1 mL/min. O detector de fluorescência foi fixado em  $\lambda_{exc}$  265 nm/ $\lambda_{em}$  290 nm. Análise dos dados foi feita utilizando software Empoder 2 (Waters).

Para determinar as concentrações totais plasmáticas das toxinas urêmicas, as amostras foram diluídas com água e aquecidas a 95°C durante 30 min. Depois foram resfriadas (10 min em gelo) e filtradas (Centrifree filter - Millipore, Billerica, MA). O ultrafiltrado (60  $\mu$ L) foi injetado na coluna. Espectros de emissão de fluorescência e excitação foram registrados a partir de soluções-padrão e de amostras urêmicas e não urêmicas, permitindo selecionar os comprimentos de onda ideais e excluir interferências. A curva de calibração foi construída com soluções-padrão das toxinas. As áreas de pico foram representadas graficamente em função das concentrações e todas as concentrações foram expressas como miligramas por litro.

### **Análise Estatística**

O teste de Kolmogorov-Smirnov foi utilizado para testar a distribuição das variáveis, sendo os resultados expressos como média  $\pm$  DP (desvio-padrão), mediana (distância interquartilica) ou percentual, conforme adequado. O coeficiente de correlação de Pearson ou Spearman foi considerado para avaliar a correlação entre as variáveis. Os testes foram fixados com valores de confiança em 95% ( $p < 0,05$ ), sendo considerados significativos. As análises estatísticas foram realizadas utilizando-se o programa SPSS (19.0).

## **RESULTADOS**

As características gerais e parâmetros antropométricos dos pacientes se encontram na Tabela 1. Foram incluídos no estudo 46 pacientes, 26 homens (56,5%) e 20 mulheres (43,5%), com tempo de tratamento dialítico médio de 63

(32,2 – 118,2) meses. O principal fator etiológico que levou à DRC foi a nefroesclerose hipertensiva (68,9%).

De acordo com o IMC, a maioria dos pacientes (57,1%) apresentou eutrofia (18,5-24,9 kg/m<sup>2</sup>), 28,6% dos pacientes encontravam-se dentro da faixa de sobrepeso (25-29,9 kg/m<sup>2</sup>) e 14,3% estavam obesos ( $\geq$  30 kg/m<sup>2</sup>). Nenhum paciente estava desnutrido (< 18,5 kg/m<sup>2</sup>) de acordo com este índice.

Apesar da maioria dos pacientes ter apresentado eutrofia segundo o IMC, a avaliação do %GC mostrou que 35,5% dos pacientes apresentaram obesidade e 22,6% estavam acima da média esperada. A avaliação da CC revelou que 51,6% dos pacientes encontravam-se dentro da faixa de normalidade, no entanto, 22,6% apresentaram CC elevada e 25,8% muito elevada.

Na análise da reserva de tecido muscular através da AMBc, 78,8% dos pacientes encontravam-se com valores normais, 15,2% apresentaram desnutrição moderada e 6,1% apresentaram desnutrição grave de acordo com essa variável.

Os valores médios de macronutrientes e triptofano ingeridos encontram-se na Tabela 2. Todos os pacientes avaliados apresentaram ingestão energética inferior à recomendação diária para manutenção de peso (30 kcal/kg a 35kcal/kg). Nenhum paciente alcançou a recomendação protéica para indivíduos em HD (1,2 a 1,4g/kg/dia). A ingestão média de triptofano, por sua vez, foi de 8,5mg/kg/dia, similar às recomendações da *Dietary Reference Intakes* (DRI).

Os níveis plasmáticos de parâmetros bioquímicos de rotina, IL-6 e IS estão apresentados na Tabela 3. A média dos níveis plasmáticos de IS encontrada nesses pacientes está de acordo com os níveis médios para indivíduos urêmicos descritos na *database* europeia de solutos urêmicos (EUToX). A retenção relativa do IS nos pacientes deste estudo, obtida pela razão M/N onde M é a média das concentrações encontradas nos pacientes e N a concentração normal utilizando o valor de referência para indivíduos saudáveis (EUToX) (0,6mg/L), foi de 58,4 vezes o normal.

Não foi encontrada correlação entre os níveis de IS e ingestão de triptofano. No entanto, observou-se que os níveis desta toxina urêmica correlacionaram-se positivamente com os níveis plasmáticos de IL-6 ( $r=0,6$ ;  $p=0,011$ ). Houve também associação positiva, entre ingestão de proteína e índices que avaliam a massa magra destes indivíduos, como a AMBc ( $r= 0,521$ ;  $p= 0,008$ ) e a MLG ( $r= 0,492$ ;

p= 0,017). O mesmo ocorreu em relação à ingestão de triptofano e tais variáveis (triptofano x AMBc: r= 0,558; p= 0,004; triptofano x MLG: r= 0,470; p=0,008).

## **DISCUSSÃO**

Uma vez que o triptofano é metabolizado pelas bactérias intestinais como substrato para a síntese da toxina urêmica, indoxil sulfato, o presente estudo teve como objetivo verificar se a ingestão deste aminoácido pelos pacientes renais crônicos em HD apresentava relação com os níveis plasmáticos totais desta toxina urêmica. Os resultados observados não revelaram tal correlação. No entanto, interessantemente, observou-se que os níveis de IS apresentaram associação positiva com o marcador de inflamação IL-6 e que a ingestão de proteína e triptofano correlacionaram-se positivamente com variáveis que avaliam massa magra.

Apesar do baixo consumo alimentar relatado pelos pacientes, a ingestão média de triptofano estava dentro dos valores recomendados pela *Dietary Reference Intakes* (DRI). Ressalta-se que a ingestão alimentar foi avaliada através do recordatório alimentar de 24 horas, que apesar de ser um método rápido, de baixo custo e fácil aplicação, apresenta limitações como a dependência da memória e colaboração do entrevistado e a falta de precisão e acurácia das informações sobre a quantidade ingerida. Contudo, na ausência de biomarcadores simples e acessíveis para determinar a ingestão alimentar, os métodos de avaliação obtidos por auto-relato são amplamente utilizados para acessar a ingestão energética em estudos clínicos e epidemiológicos.

A análise da ingestão de triptofano revelou valores dentro do recomendado, mesmo os pacientes tendo apresentado baixa ingestão proteica. Isso ocorreu, pois, as principais fontes alimentares deste macronutriente eram as proteínas de alto valor biológico (como carnes e laticínios), sendo estas as principais fontes de triptofano.

Inquestionavelmente a ingestão de triptofano está envolvida na geração intestinal de IS, uma vez que é substrato para sua formação, todavia este estudo demonstrou que a ingestão não determinou os níveis circulantes de IS, o que reforça a hipótese do papel predominante das bactérias intestinais na geração deste e de outros solutos tóxicos. Indivíduos com DRC, além da dieta, apresentam

diversas condições associadas à doença que seriam capazes de interferir nessas variáveis<sup>14</sup>.

Os valores correspondentes à ingestão de proteína e triptofano da dieta correlacionaram-se positivamente com variáveis que avaliaram a massa magra destes indivíduos, demonstrando a importância da ingestão proteica, mais especificamente da proteína de alto valor biológico, na manutenção do estado nutricional destes indivíduos que estão expostos a diversos fatores catabólicos<sup>29</sup>.

A correlação observada entre os níveis plasmáticos de IS e IL-6 sugere que o trato gastrointestinal, ao gerar metabólitos tóxicos como IS, pode contribuir para inflamação crônica frequentemente encontrada em pacientes com DRC<sup>30</sup>.

Deste modo, os resultados deste estudo sugerem que o manejo nutricional a ser adotado para esses pacientes a fim de modular os níveis plasmáticos de IS não deve ser pautado na redução da oferta de fontes alimentares de triptofano, uma vez que esta conduta parece não ser eficaz na determinação dos níveis plasmáticos desta toxina e, tal intervenção poderia ainda representar um risco para o estado nutricional destes indivíduos.

A modulação da microbiota intestinal utilizando prebióticos, probióticos ou simbióticos pode ser uma alternativa viável e eficaz para modular a microbiota intestinal de pacientes renais crônicos em HD e assim, contribuir para a redução da geração desta e de outras toxinas.

### **Agradecimentos**

Os autores agradecem à Clínica Renal Vida por autorizar a participação dos pacientes nesta pesquisa; à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) pelo suporte financeiro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Bayés B, Pastor MC, Bonal J, Foraster A and Romero R. Oxidative stress, inflammation and cardiovascular mortality in haemodialysis--role of seniority and intravenous ferrotherapy: analysis at 4 years of follow-up. *Nephrol Dial Transplant*, 2006;21(4):984-90.
2. Baurmeister U, Vienken J and Ward RA. Should dialysis modalities be designed to remove specific uremic toxins? *Semin Dial*, 2009;22:454-7.
3. Stenvinkel P. Inflammation as a target for improving health in chronic kidney disease. *F1000 Med Rep*, 2010;17:2-88.
4. Bammens B, Evenepoel P, Verbeke K and Vanrenterghem Y. Impairment of small intestinal protein assimilation in patients with end-stage renal disease: extending the malnutrition-inflammation-atherosclerosis concept. *American J Clin Nutr*, 2004; 80:1536-43.
5. Bammens B, Evenepoel P, Keuleers H, et al. Free serum concentrations of the protein-bound retention solute p-cresol predict mortality in hemodialysis patients. *Kidney Int*, 2006;69:1081-87.
6. Schepers E, Meert N, Glorieux G, Goeman J, Van Der Eycken J and Vanholder R. *p*-Cresylsulphate, the main in vivo metabolite of *p*-cresol, activates leucocyte free radical production. *Nephrol Dial Transplant*, 2007;22:592-6.
7. Meijers BK, Bammens B, De Moor B, Verbeke K, Vanrenterghem Y and Evenepoel P. Free *p*-cresol is associated with cardiovascular disease in hemodialysis patients. *Kidney Int*, 2008;73:1174-80.
8. Musso G, Gambino R and Cassader M. Interactions Between Gut Microbiota and Host Metabolism Predisposing to Obesity and Diabetes. *Annu Rev Med*, 2011;62:361-80.
9. Blaut M and Clavel T. Metabolic diversity of the intestinal microbiota: implications for health and disease. *J Nutr*, 2007;137:751-5.
10. Vaziri ND. CKD impairs barrier function and alters microbial flora of the intestine: a major link to inflammation and uremic toxicity. *Curr Opin Nephrol Hypertens*, 2012;21(6):587-92.
11. Wong J, Piceno YM, DeSantis TZ et al. Expansion of urease and uricase-containing, indole- and p-cresol-forming and contraction of short chain fatty acid-producing intestinal bacteria in ESRD. *Am J Nephrol*, 2014;39:230-7.



12. Lau WL, Kalantar-Zadeh K and Vaziri ND. The Gut as a Source of Inflammation in Chronic Kidney Disease. *Nephron*, 2015;130:92-8.
13. Hauser AB, Stinghen AEM, Gonçalves SM, Bucharles S, Pecoits-filho RA. Gut Feeling on Endotoxemia: Causes and Consequences in Chronic Kidney Disease. *Nephron Clin Pract*, 2011;118:165-72.
14. Mafra D and Fouque D. Gut microbiota and inflammation in chronic kidney disease patients. *Clin Kidney J*, 2015;8:332-334.
15. Schulman G. A Nexus of Progression of Chronic Kidney Disease: Charcoal, Tryptophan and Profibrotic Cytokines. *Blood Purif*, 2006;24:143-8.
16. Deltombe O, Biesen WV, Glorieux G, Massy Z, Dhondt A and Eloot S. Exploring Protein Binding of Uremic Toxins in Patients with Different Stages of Chronic Kidney Disease and during Hemodialysis. *Toxins*, 2015;7:3933-46.
17. Motojima M, Hosokawa A, Yamato H, et al. Uremic toxins of organic anions up-regulate PAI-1 expression by induction of NF-kappaB and free radical in proximal tubular cells. *Kidney Int*, 2003;63:1671-80.
18. Dou L, Bertrand E, Cerini C, et al. The uremic solutes p-cresol and indoxyl sulfate inhibit endothelial proliferation and wound repair. *Kidney Int*, 2004;65:442-51.
19. Adijiang A, Goto S, Uramoto S, et al. Indoxyl sulphate promotes aortic calcification with expression of osteoblast-specific proteins in hypertensive rats. *Nephrol Dial Transplantat*, 2008;23:1892-1901.
20. Taki K, Takayama F and Niwa T. Beneficial effects of Bifidobacteria in a gastroresistant seamless capsule on hyperhomocysteinemia in hemodialysis patients. *J Ren Nutr*, 2005;15:77-80.
21. Nii-Kono T, Iwasaki Y, Uchida M, et al. Indoxyl sulfate induces skeletal resistance to parathyroid hormone in cultured osteoblastic cells. *Kidney Int*, 2007;71:738-43.
22. TACO. Tabela Brasileira de Composição de Alimentos. Universidade Estadual de Campinas. 4 ed, 2011. p. 161.
23. OMS, 1995. In: cuppari I. Guias de medicina ambulatorial e hospitalar. Unifesp/EPM, Nutrição. Ed. Manole. São Paulo, 2005; 92.
24. OMS, 1997. In: cuppari I. Guias de medicina ambulatorial e hospitalar. Unifesp/EPM, Nutrição. Ed. Manole. São Paulo, 2005; 92.

25. Kamimura MA, Baxmann A, Sampaio LR and Cuppari L. Avaliação nutricional. In: Cuppari L. Guias de Medicina ambulatorial e hospitalar. UNIFESP/Escola Paulista de Medicina, Nutrição. 2 ed. Ed. Manole. São Paulo, 2005. p. 89-127.
26. Siri WE. Body composition from fluid space and density. In: Brozek J, Hanschel A, eds. Techniques for measuring body composition. *Natl Acad Sci*; 1961; 223-4.
27. Lohman TG, Roche AF, Wilmore JH. Anthropometric standardization reference manual. Abridged edition, 1991; p. 90.
28. World Health Organization. Obesity: preventing and managing the global epidemic: report of a WHO Consultation. Geneva, Switzerland: World Health Organization, 2000. WHO Technical Report Series 894.
29. Burrowes JD, Larive B, Cockram DB, et al. Effects of dietary intake, appetite, and eating habits on dialysis and non-dialysis treatment days in hemodialysis patients: cross sectional results from the HEMO study. *J Ren Nutr*, 2003;13:191-8.
30. Filiopoulos V and Vlassopoulos D. Inflammatory Syndrome in Chronic Kidney Disease: Pathogenesis and Influence on Outcomes. *Inflamm Allergy Drug Targets*, 2009;8(5):368-82.

**Tabela 1.** Características gerais e antropométricas dos pacientes renais crônicos em HD.

<b>Parâmetros</b>	<b>Pacientes (n=46)</b>
Idade (anos)	52,8 ± 10,3
Tempo em HD (meses)	63 (32,2 – 118,2)
IMC (kg/m <sup>2</sup> )	25,6 ± 4,9
AMBc (cm <sup>2</sup> )	42,2 ± 11,2
MLG (Kg)	48,8 ± 11,4
%GC	29,4 ± 7,9
CC (cm)	93,0 ± 13,6

HD: Hemodiálise; IMC: Índice de massa corporal, AMBc: Área muscular do braço corrigida; %GC: Percentual de gordura corporal; CC: Circunferência da cintura.

**Tabela 2.** Ingestão de energia, macronutrientes e triptofano.

<b>Parâmetros</b>	<b>Pacientes (n=46)</b>
Energia (kcal/dia)	1.194,6 ± 456,5
Proteína (g/dia)	62,7 ± 23,5
Lipídio (g/dia)	30,0 ± 13,0
Carboidrato (g/dia)	165,2 ± 66,8
Triptofano (mg/Kg/dia)	8,5 ± 4,1

**Tabela 3.** Parâmetros bioquímicos dos pacientes em HD

<b>Parâmetros</b>	<b>Pacientes (n=46)</b>
Uréia Pré HD (mg/dL)	148,8 ± 65,9
Uréia Pós HD (mg/dL)	48,4 ± 16,9
Creatinina	10,4 ± 3,3
Albumina (g/dL)	4,2 ± 0,3
Hematócrito (%)	34,9 ± 3,6
Hemoglobina (g/dL)	11,5 ± 1,3
IL-6 (pg/ml)	38,2 (21,3 – 57,1)
IS (mg/L)	35 ± 11,9

HD: Hemodiálise; IL-6: Interleucina-6; IS: Indoxil Sulfato